
MESA REDONDA

Trabalhos de escravos na paróquia de Catas Altas do Mato Dentro, nas Gerais, 1822 •

Francisco Eduardo de Andrade
UFOP

1. REGIÃO DAS GERAIS: CATAS ALTAS DO MATO DENTRO NO SÉCULO XIX

Nossa análise tem como objeto uma das povoações das Gerais Oitocentista, o distrito e a paróquia de Catas Altas do Mato Dentro. Baseamos nossa investigação, fundamentalmente, na lista nominativa de habitantes, organizadas pelo pároco em 1822, que faz parte do acervo do Arquivo Histórico da Câmara Municipal de Mariana. Interessa-nos, sobretudo, as ocupações dos escravos, declaradas, nesta lista, de maneira especialmente completa. Já nos utilizamos deste documento valioso em outra pesquisa e vamos nos valer, quando necessário, das conclusões a que chegamos naquela oportunidade, quando enriquecemos a análise recorrendo à inventários *post-mortem* e processos criminais. A freguesia de Catas Altas do Mato Dentro localizava-se no centro das Gerais, entre Mariana e Santa Bárbara. Desde os primeiros anos do século XVIII, o ecossistema local, sofreu com a ocupação e exploração da lavra aurífera. O próprio nome – Catas Altas – se referia às minerações que gradativamente iam subindo, na serra do lugar, seguindo os veios auríferos. O outro nome – Mato Dentro – é indicativo da espessa vegetação de mata atlântica que compunha o seu entorno nos primeiros tempos de colonização.

No século XIX, o esgotamento geral das riquezas auríferas, mais facilmente exploráveis conforme os recursos humanos e técnicos usuais e disponíveis, era uma constante em quase todos os lugares de passado minerador. Com retorno compensador, persistia somente aqueles mineiros que tivessem condições de arcar com os necessários investimentos da exploração aurífera das minas subterrâneas. Por outro lado, a faiscação nos rios e ribeirões nunca foi de todo abandonada.

• Esse trabalho fez parte da mesa redonda “Trabalho e Comércio de Escravos nas Minas Gerais (Séculos XVIII e XIX)”, apresentada no dia 24 de julho de 1996.

Alia-se a isso, a destruição acentuada dos ecossistemas primitivos, encontrados pelos primeiros mineiros e agricultores. O ambiente dos “matos gerais” tinha sido transformado e, na maioria das vezes, completamente destruídos. Vegetação arbustiva e rasteira e campos artificiais (sapé, samambaia, capim-gordura). A erosão de uma terra desprotegida da vegetação original criou espaços estéreis ou áridos. As margens e leitos dos rios tinham sido remexidos, transformando os cursos d’água e diminuindo o fluxo. O clima, em geral, tinha-se tornado mais quente.

Apesar desta imagem geo-física clássica das Gerais nos finais do Setecentos e no Oitocentos, que ajuda a compor o perfil sombrio sob o ponto de vista econômico, social e cultural do viés historiográfico tradicional, os habitantes das Gerais, e de Catas Altas especialmente, adaptaram-se ao seu tempo e criaram/recriaram espaços sócio-econômicos. Na paróquia de Catas Altas do Mato Dentro, começou a regeneração do ecossistema local com a diminuição do ímpeto da exploração mineratória. No lado leste da freguesia, as possibilidades de avanço agrário sobre áreas florestais também se fizeram sentir. Tudo leva a crer que aqui, ao contrário de outros lugares, as áreas de campos artificiais tornados úteis para a pecuária, foram mais extensas.

A freguesia de Catas Altas era de tamanho considerável, abrigando uma relativamente numerosa população fora dos limites do arraial. Esta “ruralização” dos habitantes indica o esforço agropecuário então reinante na região. No entanto, em comparação ao *campo*, o povoamento no arraial e seu entorno continuava um tanto reforçado. O número de livres era superior ao de escravos – 706 indivíduos livres e 249 cativos, vivendo em 222 domicílios. O tamanho médio da propriedade de escravos não chegava a cinco escravos. Quanto aos livres, eles pouco ultrapassavam o número médio de três pessoas por domicílio, na área do arraial.

Fora do arraial, o perfil sócio-econômico era outro. Os escravos eram a maior parte da população dita rural. Nesta área, viviam 539 livres e 632 escravos em 130 unidades de produção. O número médio de escravos chegava a 11,5, mas em apenas 55 domicílios encontramos cativos. Aqui, a concentração de propriedade escrava era mais pronunciada do que na chamada área urbana. O número médio de indivíduos livres por domicílio era bem inferior ao de escravos, ficando em 4,1 indivíduos. Os domicílios desta área eram, pelo menos, duas vezes maiores do que os do arraial, mas a contribuição do elemento livre no trabalho e produção doméstica não era tão determinante como no arraial.

A estrutura ocupacional de Catas Altas, no primeiro quartel do século XIX, era bastante diversificada. No arraial, predominavam as mulheres livres trabalhadoras do artesanato têxtil; a fabricação e transformação de ferro, a faiscação e o plantio de hortaliças e frutas de homens livres pobres. Unidades

agrícolas com pequenos plantéis de escravos praticava uma agricultura modesta. Riqueza, talvez, somente nas mãos de algumas poucas pessoas dedicadas às atividades mercantis. O comércio e os trabalhos dos artesãos especializados, eram particularmente importantes em Catas Altas devido a sua localização geográfica privilegiada. Esta paróquia era cortada pela movimentada estrada real que ligava Vila Rica/Ouro Preto e Mariana à comarca dos diamantes e da plantação de algodão, Serro Frio, o que aos seus paroquianos o uso habilidoso da “hospitalidade venal” reclamada por Burton ¹.

Por outro lado, na área fora do arraial, a concentração de riqueza era mais perceptível. Encontramos mineiros bem abastados cujos plantéis alcançavam os maiores patamares locais. Donos de grandes fazendas, homens sobretudo, dedicados á agricultura e pecuária, contavam com plantéis maiores do que no arraial (mais de 10 cativos). O comércio de mercadorias das unidades de produção desta área, estava á cargo do tropeiro, homem livre de poucas posses. Do artesanato têxtil doméstico se ocupavam, principalmente, as mulheres livres nas unidades produtivas voltadas para a agropecuária ou mineração. Ao que parece, pouquíssimos homens livres se aventuravam a trabalhar para outros, mesmo temporariamente, na área rural.

2. OS TRABALHOS DOS ESCRAVOS E A ORGANIZAÇÃO DA PRODUÇÃO EM CATAS ALTAS

Na realidade, para se compreender a divisão do processo de trabalho e a organização do trabalho é preciso considerar que nessa região, desde o Setecentos, a população livre pobre (a grande maioria nas Minas Gerais) exercia os mais diversos ofícios, buscando atividades alternativas no sentido da inserção no sistema econômico e social, baseado na escravidão. Esta população viria a crescer consideravelmente nas antigas regiões mineradoras, tornando-as muito populosa relativamente às outras regiões da província, no Oitocentos. Douglas Libby² calcula que no segundo quartel do século XIX, nas Gerais de tradição mineradora (a Metalúrgica-Mantiqueira, nos termos do historiador), 58,62% dos livres e 41,32% dos escravos participavam da força de trabalho. Os escravos tinham uma participação significativa (a maior da província no período), mas os indivíduos livres, como no restante da província, superavam os escravos na força de trabalho.

¹ *Viagem do Rio de Janeiro a Morro Velho*, 1976. p. 100-101.

² *Transformação e Trabalho em uma economia não-exportadora: Minas Gerais no século XIX*, 1988. p. 54.

No século XIX, em Catas Altas, observa-se, no seio da população livre que vivia no arraial, uma estrutura ocupacional diversificada, o que denota o esforço bem sucedido de adaptação à nova conjuntura. Mas com isso, o emprego de escravos nos ofícios especializados de caráter *urbano* tornava-se pouco difundido. No artesanato (ferreiros, carpinteiros, alfaiates, costureiras, fiandeiras, tecelões, sapateiros, alfaiates, etc), nas atividades de comércio (somente um escravo trabalha como taberneiro), no ofício de tropeiro e carreiro (somente dois escravos nestas ocupações) os homens livres dominavam quase que completamente. Aos escravos cabiam os trabalhos mais variados que não exigiam tanta habilidade e perícia, como nos trabalhos do serviço doméstico variado, jornaleiros, capineiros, hortelãos, na agricultura, na mineração.

Na área *rural*, a proporção de escravos empregados como artesãos era maior do que no arraial. Mas também aqui, era a população livre que exercia os ofícios que exigiam maior habilidade e um período mais prolongado de aprendizagem, no setor do artesanato, do comércio e do transporte de mercadorias. A ocupação de criador de gado não era um ofício próprio de escravos, sendo que estes, nas atividades da pecuária, se ocupavam do rude trabalho de pastoreio dos animais, sendo designados de campistas. No área rural e no arraial, mais de dois terços dos escravos da paróquia (excluindo-se aqueles pertencentes ao colégio do Caraça) trabalhavam na agricultura, mineração, serviço doméstico e como jornaleiros. Fundamentalmente, nesta parte das Gerais, o *típico* (se é que podemos dizer assim) era o escravo trabalhar na lavoura ou nas minas, ou então ser empregado em atividades variadas que não exigiam especialização.

Não queremos dizer com isso que se exigia pouca destreza e habilidade no trato da agricultura e mineração, mas que nestas atividades não se alcançava o grau de especialização do artesanato e da manufatura doméstica. Especialmente no caso da mineração, Eschwege³, afirmando que o processo de lavagem do cascalho aurífero e de diamantes exigia “certa destreza”, descreve trabalhos de mineração nos *tabuleiros*, junto aos rios, que apontam para a divisão do trabalho em grandes unidades de produção:

“É então, realmente, um prazer observar aqueles pretos desnudos e esforçados, banhados de suor, mostrando a sólida estrutura dos braços e o dorso luzidio. Uns extraem o cascalho, outros enchem os *carumbés*, que são colocados nas cabeças dos carregadores. Estes correm, uns atrás dos outros, não parando nem para despejar a carga e voltam por outro caminho, a fim de apanharem nova carga já preparada de antemão.”

³ *Pluto brasiliensis*, 1979, p. 171-172.

Na paróquia de Catas Altas, pouquíssimos escravos do artesanato, comércio e transporte de mercadorias exerciam a mesma atividade que seus senhores. Somente os senhores que exerciam a ocupação de ferreiro, sapateiro, tropeiro ou de fiandeira alocavam alguns de seus escravos nas mesmas atividades, mas eles eram bem minoritários nos plantéis (entre 25,0% e 9,1% dos escravos). Os senhores negociantes, mercadores e taberneiros não empregavam seus escravos nos mesmos ofícios deles. Entre senhores mineiros, na agricultura e faisqueiros, a maioria dos seus escravos trabalhavam nas mesmas atividades dos chefes de domicílio (ver Tabela 1, em anexo).

Nas unidades produtivas da agropecuária e de mineiros (da área rural), negociantes e taberneiros (da área urbana), mais complexas e dinâmicas, a estrutura ocupacional da escravaria era diversificada, contando com escravos e escravas artesãos, tropeiros, jornaleiros e das atividades domésticas. Do grupo mancebo de propriedade de negociantes, por exemplo, 12, 5% eram costureiras, 12, 5% fiandeiras, 6, 3 % alfaiates, 12,5% jornaleiros, 12, 5% no serviço doméstico, 6,3% cozinheiras, 6,3% na agricultura e 18,8% sem ocupação definida (Tabela 1). Possivelmente as unidades de produção que podiam, no processo de adaptação á conjuntura desfavorável da crise mineratória, foram, desde o século XVIII, incorporando ofícios que antes estavam nas mãos de trabalhadores alheios aos seus grupos domésticos.

No entanto, devemos ressaltar que, no geral, se não havia uma nítida separação entre livres pobres e escravos no mundo do trabalho, coube aos trabalhadores livres o domínio das ocupações especializadas nesta parte das Gerais, no século XIX.

Detendo-se nas nuances da divisão do trabalho escravo, podemos observar que os cativos eram distribuídos no processo de trabalho conforme a origem, o sexo, e a idade.

Os escravos africanos chegavam a perfazer 50, 1% da escravaria na paróquia de Catas Altas. O que aponta para o fato de que a importação de escravos continuava fundamental para a manutenção e reprodução da economia local, dinâmica o bastante para se ligar ao comércio atlântico de cativos.

Em Catas Altas do Mato Dentro, havia uma preferência, para os ofícios especializados do artesanato e o exercício de atividades domésticas (domésticos, pagens, lavadeiras) por escravos nascidos no Brasil (pardos e crioulos, segundo a lista de habitantes de 1822). Os africanos eram mais comumente distribuídos nas ocupações mais penosas e rudes, e menos próximas da família proprietária, da agricultura e da mineração (ver Tabela 2, em anexo).

Na área açucareira plantacionista da Bahia colonial, Schwartz⁴ encontrou uma distribuição dos escravos no processo de trabalho semelhante a essa. Afirma este historiador, por exemplo, que, para trabalhar nas caldeiras e tachas dos engenhos, reputava-se como necessário certos “conhecimentos ou habilidades especiais”, e que, portanto, “Os cativos empregados na casa de caldeiras eram em geral mulatos ou crioulos, que podiam ser ensinados desde bem novos para sua ocupação”. Renato Pinto Venâncio⁵ vai ao encontro desta explicação quando sugere que o poder de uma aprendizagem eficaz das habilidades necessárias à indústria têxtil doméstica, contribuiu no aumento do valor das crianças escravas, em Minas Gerais do século XIX.

As mulheres escravas dominavam quase que completamente nas atividades artesanais têxteis e nos trabalhos domésticos (a maioria das escravas estavam nestas ocupações), enquanto os homens preferencialmente eram empregados na agricultura, mineração e nos serviços de tropeiro. Há que se mencionar que somente homens exerciam os ofícios de ferreiro, carpinteiro e sapateiro (Tabela 2). Novamente, comparar com a região plantacionista pode ser elucidativo; segundo Schwartz⁶ “A divisão sexual do trabalho refletia as variações nas necessidades de força e precisão, com os homens designados para as tarefas que demandavam a primeira dessas exigências, e as mulheres, a segunda.”.

Ao que parece, mesmo quando as mulheres trabalhavam na agricultura ou na mineração, elas eram designadas para tarefas que exigiam atenção e habilidade. Na década de 1830, um naturalista inglês relata que, na mina de Gongo Soco, a lavagem da *jacutinga* nas bateias era obrigação das “negras”, que demonstravam nesse trabalho “notável perícia e paciência”⁷.

Vale chamar a atenção para a razão de masculinidade no grupo de escravos nascidos no Brasil e no grupo dos africanos. Enquanto entre os escravos brasileiros a razão de masculinidade era de 112,2, entre os africanos este índice subia para 521, 7. Importava-se muito mais homens africanos do que mulheres. Isto certamente era fruto da demanda dos senhores fazendeiros e mineiros por escravos homens, mas também pode resultar de problemas na oferta de escravos africanos, como nota Schwartz⁸. É interessante perceber que na região açucareira da Bahia colonial, em que a população escrava africana era bem superior a da

⁴ *Segredos internos: engenhos e escravos na sociedade colonial, 1550-1835*, 1988. p. 132.

⁵ A riqueza do senhor: crianças escravas em Minas Gerais do séc. XIX, *Estudos Afro-asiáticos*, 1991.

⁶ op. cit.. p. 138.

⁷ *Viagem de um naturalista inglês ao Rio de Janeiro e Minas Gerais: 1833-1835*, 1981. p. 75.

⁸ op. cit.. p. 138.

paróquia de Catas Altas, a razão era de 233 homens para 100 mulheres no período de expansão da atividade açucareira após 1793⁹, ou seja, no tráfico de escravos, em Catas Altas, a seleção do elemento masculino era muito mais pronunciada do que na Bahia plantacionista do século XVIII.

Voltemo-nos agora para as idades dos cativos. Tudo indica que a vida de trabalho sistemático, para as crianças escravas, tinha início a partir dos 11 anos. Somente a partir dessa idade procurou-se declarar, na Lista de habitantes de Catas Altas, a ocupação do escravinho (Tabela 3, em anexo). Alguns inventários post-mortem, do Arquivo da Casa Setecentista de Mariana, trazem registros que apontam para essa idade como aquela que marca a entrada da criança escrava no mundo do trabalho da região. Mas o processo de aprendizagem, como nos chama a atenção Kátia Mattoso¹⁰, iniciava-se antes, aos 7 para 8 anos. Entre 11 e 13 anos, observamos que os escravos de Catas Altas já trabalhavam em atividades domésticas. As meninas já começavam a costurar e a fiar. Os meninos já vão ser encaminhados para o trabalho agrícola, ou, em menor número para alguma atividade artesanal (Tabela 3).

O período entre 14 e 45 anos, marca o auge do período produtivo dos escravos e, portanto, engloba a maioria dos trabalhadores. A maioria dos escravos empregados nas atividades que exigiam força física e nos ofícios que exigiam habilidade e experiência estavam nessa faixa etária (Tabela 3).

José Vieira Couto¹¹, afirmava que a mineração destruía a mão-de-obra escrava, consumindo seus trabalhadores, ao contrário da agricultura. Em 1799, Joaquim Veloso de Miranda¹² observou que, na agricultura, “os escravos, ainda que velhos, dão serviço considerável, o que não acontece nas minas, onde são preciso homens de grande força, para poderem suportar um serviço rude.” Na realidade, os escravos mais velhos (com mais de 45 anos) eram parcela pequena da escravaria (nem um terço), tanto na mineração como na agricultura de Catas Altas, no período analisado (Tabela 3).

Para finalizar, vale refletir sobre o fato de que o exercício de um ofício especializado, um lugar na divisão do processo de trabalho, tinham sérias repercussões sobre a relação senhor-escravo. Schwartz¹³ conclui que

⁹ op. cit.. p. 288.

¹⁰ O filho da escrava (em torno da lei do ventre livre), *Revista Brasileira de História*, mar. 88/ago. 88.

¹¹ *Revista do Arquivo Público Mineiro*, jan-jun 1905.

¹² Apud Lima Júnior, Augusto de. *A capitania das Minas Gerais*, 1979.

¹³ op. cit.. p. 139.

“Trabalhadores recalcitrantes e coagidos não eram adequados para as tarefas mais especializadas”. Portanto, para os senhores terem, continuamente, bons trabalhadores era necessário determinados incentivos aos escravos. Um destes incentivos, era justamente a possibilidade do exercício de ocupação especializada no processo de trabalho. O fato de alguns cativos, geralmente mulatos e crioulos, ocuparem posições-chaves no processo de trabalho, fruto de um aprendizado, da experiência e habilidade adquiridas, funcionava como um exemplo aos outros escravos que almejavam atividades menos sofridas. Talvez daí venha a noção de Antonil¹⁴ de que escravos nascidos no Brasil, e principalmente os mulatos, fossem “soberbos e viciosos”. Se tinham empenho em bem exercer suas funções no processo produtivo, servindo ao senhor, estavam, por outro lado, ciosos do espaço de trabalho, cotidianamente delimitado, e dos seus merecimentos. Este é um caminho de tensões, porque essencialmente contraditório na medida que a experiência dessa relação senhor-escravo *negocia* com a esperança do seu fim, ou seja, a autonomia e a libertação do cativo.

APÊNDICE

Tabela 1: Trabalhos e ofícios selecionados dos escravos, segundo a ocupação do chefe de domicílio. Catas altas, 1822 (%)

Tabela 2: População escrava segundo a origem, sexo e a ocupação (selecionada). catas altas do mato dentro, 1822.

Tabela 3: População escrava por idade e ocupação selecionada. Catas Altas do Mato Dentro, 1822.

Fonte das três tabelas: Lista Nominativa de Habitantes de Catas Altas, 1822 – AHCMM, Livro 154.

¹⁴ *Cultura e Opulência do Brasil*, 1967. p. 160.

TABELA 1

TRABALHOS E OFÍCIOS SELECIONADOS DOS ESCRAVOS, SEGUNDO A OCUPAÇÃO DO CHEFE DE DOMICÍLIO. CATAS ALTAS, 1822 (%)

| Senhores | ocupações dos | | | | | | | | | | | serviço | | | | | s/ ocupação declarada |
|-------------------------------|---------------|----------|---------|-------------|-----------|--------------|-------------|------------|------------|----------|----------|-----------|-------|----------|---------|------------|-----------------------|
| | agricultor | campista | mineiro | fais-queiro | fer-reiro | carpin-teiro | costu-reira | sapa-teiro | fian-deira | tece-loa | tropeiro | doméstico | pagem | alfaiate | cozinha | jornaleiro | |
| agricultor | 59,8 | 0,0 | 14,9 | 0,0 | 0,0 | 1,1 | 4,6 | 0,0 | 3,4 | 0,0 | 0,0 | 3,4 | 0,0 | 0,0 | 3,4 | 2,3 | 4,6 |
| criador (*) | 46,4 | 11,6 | 17,4 | 0,0 | 0,0 | 0,0 | 0,0 | 0,0 | 0,0 | 0,0 | 0,0 | 13,0 | 0,0 | 0,0 | 4,3 | 1,4 | 5,8 |
| roceiro | 13,3 | 0,0 | 0,0 | 0,0 | 0,0 | 0,0 | 0,0 | 0,0 | 6,7 | 0,0 | 0,0 | 40,0 | 0,0 | 0,0 | 0,0 | 13,3 | 20,0 |
| criador/ agricultor | 42,8 | 3,6 | 0,0 | 0,0 | 0,6 | 0,0 | 0,6 | 1,2 | 4,8 | 0,6 | 1,2 | 17,5 | 0,6 | 0,0 | 3,6 | 0,0 | 22,3 |
| mineiro | 0,0 | 0,0 | 69,4 | 0,0 | 0,0 | 0,0 | 4,6 | 0,0 | 2,0 | 0,0 | 0,0 | 10,2 | 0,0 | 1,5 | 2,6 | 0,5 | 8,7 |
| faisqueiro | 0,0 | 0,0 | 0,0 | 50,0 | 0,0 | 0,0 | 0,0 | 0,0 | 0,0 | 0,0 | 0,0 | 37,5 | 0,0 | 0,0 | 12,5 | 0,0 | 0,0 |
| ferreiro | 0,0 | 0,0 | 0,0 | 0,0 | 25,0 | 0,0 | 0,0 | 0,0 | 0,0 | 0,0 | 0,0 | 0,0 | 0,0 | 0,0 | 12,5 | 62,5 | 0,0 |
| ferrador | 0,0 | 0,0 | 0,0 | 0,0 | 0,0 | 0,0 | 0,0 | 0,0 | 0,0 | 0,0 | 0,0 | 33,3 | 0,0 | 0,0 | 33,3 | 0,0 | 33,3 |
| carpinteiro | 25,0 | 0,0 | 0,0 | 0,0 | 0,0 | 0,0 | 6,3 | 0,0 | 0,0 | 0,0 | 0,0 | 12,5 | 0,0 | 0,0 | 12,5 | 43,8 | 0,0 |
| alfaiate | 0,0 | 0,0 | 0,0 | 0,0 | 0,0 | 0,0 | 0,0 | 0,0 | 0,0 | 0,0 | 0,0 | 0,0 | 0,0 | 0,0 | 0,0 | 80,0 | 0,0 |
| costureira | 9,1 | 0,0 | 0,0 | 18,2 | 0,0 | 0,0 | 0,0 | 0,0 | 0,0 | 0,0 | 0,0 | 9,1 | 0,0 | 0,0 | 18,2 | 27,3 | 9,1 |
| fiandeira | 18,2 | 0,0 | 0,0 | 0,0 | 0,0 | 0,0 | 9,1 | 0,0 | 9,1 | 9,1 | 0,0 | 9,1 | 0,0 | 0,0 | 9,1 | 27,3 | 0,0 |
| teceloa | 40,0 | 0,0 | 0,0 | 0,0 | 0,0 | 0,0 | 0,0 | 0,0 | 0,0 | 0,0 | 0,0 | 0,0 | 0,0 | 0,0 | 30,0 | 10,0 | 0,0 |
| padeira | 0,0 | 0,0 | 0,0 | 0,0 | 0,0 | 0,0 | 0,0 | 0,0 | 0,0 | 0,0 | 0,0 | 0,0 | 0,0 | 0,0 | 100,0 | 0,0 | 0,0 |
| sapateiro | 0,0 | 0,0 | 0,0 | 0,0 | 0,0 | 0,0 | 0,0 | 25,0 | 0,0 | 0,0 | 0,0 | 50,0 | 0,0 | 0,0 | 25,0 | 0,0 | 0,0 |
| ourives | 0,0 | 0,0 | 0,0 | 0,0 | 0,0 | 0,0 | 0,0 | 0,0 | 0,0 | 0,0 | 0,0 | 25,0 | 0,0 | 0,0 | 0,0 | 50,0 | 25,0 |
| negociante | 6,3 | 0,0 | 0,0 | 0,0 | 0,0 | 0,0 | 12,5 | 0,0 | 12,5 | 0,0 | 0,0 | 12,5 | 0,0 | 6,3 | 6,3 | 12,5 | 18,8 |
| mercador | 75,0 | 0,0 | 0,0 | 0,0 | 0,0 | 0,0 | 8,3 | 0,0 | 0,0 | 0,0 | 0,0 | 0,0 | 0,0 | 0,0 | 8,3 | 0,0 | 0,0 |
| taberneiro | 48,0 | 0,0 | 0,0 | 0,0 | 0,0 | 0,0 | 0,0 | 4,0 | 0,0 | 0,0 | 4,0 | 12,0 | 0,0 | 0,0 | 8,0 | 12,0 | 8,0 |
| feitor | 0,0 | 0,0 | 0,0 | 0,0 | 0,0 | 0,0 | 0,0 | 0,0 | 0,0 | 0,0 | 0,0 | 0,0 | 0,0 | 0,0 | 50,0 | 50,0 | 0,0 |
| médico | 44,4 | 0,0 | 0,0 | 0,0 | 0,0 | 0,0 | 0,0 | 0,0 | 0,0 | 0,0 | 0,0 | 11,1 | 11,1 | 0,0 | 11,1 | 11,1 | 0,0 |
| eclesiástico (**) | 28,2 | 0,0 | 0,0 | 0,0 | 0,0 | 0,0 | 7,7 | 0,0 | 0,0 | 2,6 | 0,0 | 7,7 | 10,3 | 0,0 | 12,8 | 17,9 | 0,0 |
| s/ ocupação determinada (***) | 15,3 | 0,0 | 29,9 | 3,6 | 0,0 | 0,0 | 5,8 | 0,0 | 0,0 | 0,0 | 0,0 | 16,8 | 0,7 | 1,5 | 4,4 | 5,8 | 10,2 |
| TOTAL | 26,5 | 1,6 | 23,7 | 1,3 | 0,4 | 0,1 | 3,5 | 0,5 | 2,2 | 0,4 | 0,4 | 12,9 | 0,8 | 0,7 | 5,5 | 6,2 | 10,2 |

(*) 1 criador e mineiro: 12 escravos mineiros.

(**) Não tem a ocupação declarada.

(***) Incluem-se indivíduos doentes ou inválidos e mendigos. Incluem-se crianças escravas em geral com 10 ou menos anos.

TABELA 2
POPULAÇÃO ESCRAVA SEGUNDO A ORIGEM, SEXO E A OCUPAÇÃO (SELECIONADA).
CATAS ALTAS DO MATO DENTRO, 1822.

| Ocupações dos | Brasileiros | | | | | | Africanos | | | | | | Total |
|------------------------------------|-------------|-------------|------------|-------------|------------|-------------|------------|-------------|-----------|-------------|------------|-------------|------------|
| | H | % | M | % | Total | % Geral | H | % | M | % | Total | % Geral | Geral |
| agricultor (agricultura e roceiro) | 69 | 85,2 | 12 | 14,8 | 81 | 33,5 | 148 | 91,9 | 13 | 8,1 | 161 | 66,5 | 242 |
| campista | 10 | 100,0 | 0 | 0,0 | 10 | 71,4 | 4 | 100,0 | 0 | 0,0 | 4 | 28,6 | 14 |
| mineiro | 63 | 88,7 | 8 | 11,3 | 71 | 34,5 | 133 | 98,5 | 2 | 1,5 | 135 | 65,5 | 206 |
| faisqueiro | 2 | 66,7 | 1 | 33,3 | 3 | 27,3 | 8 | 100,0 | 0 | 0,0 | 8 | 72,7 | 11 |
| ferreiro | 2 | 100,0 | 0 | 0,0 | 2 | 50,0 | 2 | 100,0 | 0 | 0,0 | 2 | 50,0 | 4 |
| carpinteiro | 1 | 100,0 | 0 | 0,0 | 1 | 50,0 | 1 | 100,0 | 0 | 0,0 | 1 | 50,0 | 2 |
| costureira | 0 | 0,0 | 27 | 100,0 | 27 | 90,0 | 0 | 0,0 | 3 | 100,0 | 3 | 10,0 | 30 |
| sapateiro | 4 | 100,0 | 0 | 0,0 | 4 | 100,0 | 0 | 0,0 | 0 | 0,0 | 0 | 0,0 | 4 |
| fiandeira | 0 | 0,0 | 15 | 100,0 | 15 | 78,9 | 0 | 0,0 | 4 | 100,0 | 4 | 21,1 | 19 |
| teceloa | 0 | 0,0 | 3 | 100,0 | 3 | 100,0 | 0 | 0,0 | 0 | 0,0 | 0 | 0,0 | 3 |
| alfaiate | 6 | 100,0 | 0 | 0,0 | 6 | 100,0 | 0 | 0,0 | 0 | 0,0 | 0 | 0,0 | 6 |
| serviço doméstico | 15 | 17,9 | 69 | 82,1 | 84 | 74,3 | 13 | 44,8 | 16 | 55,2 | 29 | 25,7 | 113 |
| cozinheira(o) | 0 | 0,0 | 23 | 100,0 | 23 | 46,0 | 1 | 3,7 | 26 | 96,3 | 27 | 54,0 | 50 |
| pagem | 6 | 100,0 | 0 | 0,0 | 6 | 75,0 | 2 | 100,0 | 0 | 0,0 | 2 | 25,0 | 8 |
| lavadeira | 0 | 0,0 | 12 | 100,0 | 12 | 80,0 | 0 | 0,0 | 3 | 100,0 | 3 | 20,0 | 15 |
| tropeiro | 2 | 100,0 | 0 | 0,0 | 2 | 50,0 | 2 | 100,0 | 0 | 0,0 | 2 | 50,0 | 4 |
| jornaleiro | 15 | 100,0 | 0 | 0,0 | 15 | 25,9 | 43 | 100,0 | 0 | 0,0 | 43 | 74,1 | 58 |
| s/ ocupação declarada | 44 | 50,6 | 43 | 49,4 | 87 | 94,6 | 3 | 60,0 | 2 | 40,0 | 5 | 5,4 | 92 |
| TOTAL | 239 | 52,9 | 213 | 47,1 | 452 | 51,3 | 360 | 83,9 | 69 | 16,1 | 429 | 48,7 | 881 |
| Razão de sexos | | | | 112,2 | | | | | | 521,7 | | | |

TABELA 3
POPULAÇÃO ESCRAVA POR IDADE E OCUPAÇÃO SELECIONADA.
CATAS ALTAS DO MATO DENTRO, 1822.

| Ocupações dos | Faixas Etárias | | | | | | Total |
|--|----------------|-------------|------------|-------------|------------|-------------|------------|
| | 0 - 13 | % | 14 - 45 | % | 46 e mais | % | |
| Escravos | | | | | | | |
| agricultor (agricultura e roceiro) (*) | 7 | 2,9 | 174 | 72,2 | 60 | 24,9 | 241 |
| campista | 0 | 0,0 | 14 | 100,0 | 0 | 0,0 | 14 |
| mineiro | 0 | 0,0 | 153 | 74,3 | 53 | 25,7 | 206 |
| faisqueiro | 0 | 0,0 | 7 | 63,6 | 4 | 36,4 | 11 |
| ferreiro | 1 | 25,0 | 2 | 50,0 | 1 | 25,0 | 4 |
| carpinteiro | 0 | 0,0 | 1 | 50,0 | 1 | 50,0 | 2 |
| costureira | 5 | 16,7 | 23 | 76,7 | 2 | 6,7 | 30 |
| sapateiro | 0 | 0,0 | 3 | 75,0 | 1 | 25,0 | 4 |
| fiandeira | 3 | 15,8 | 14 | 73,7 | 2 | 10,5 | 19 |
| teceloa | 0 | 0,0 | 2 | 66,7 | 1 | 33,3 | 3 |
| alfaiate | 1 | 16,7 | 5 | 83,3 | 0 | 0,0 | 6 |
| serviço doméstico | 21 | 18,6 | 80 | 70,8 | 12 | 10,6 | 113 |
| cozinheira(o) | 0 | 0,0 | 35 | 70,0 | 15 | 30,0 | 50 |
| pagem | 2 | 25,0 | 6 | 75,0 | 0 | 0,0 | 8 |
| lavadeira | 0 | 0,0 | 12 | 80,0 | 3 | 20,0 | 15 |
| tropeiro | 0 | 0,0 | 2 | 50,0 | 2 | 50,0 | 4 |
| jornaleiro | 2 | 3,4 | 40 | 69,0 | 16 | 27,6 | 58 |
| s/ ocupação declarada (**) | 86 | 93,5 | 4 | 4,3 | 2 | 2,2 | 92 |
| TOTAL | 128 | 14,5 | 577 | 65,6 | 175 | 19,9 | 880 |

(*) Excluído um escravo agricultor cuja idade estava ilegível.

(**) Na quase totalidade são crianças de 10 ou menos anos.